



REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO

CULTO AOS ANCESTRAIS: ENCONTROS DE FAMÍLIAS

WORSHIPPING ANCESTORS: FAMILY MEETINGS

Adiles Savoldi¹

Resumo: O parentesco traçado, desenhado nas árvores genealógicas, tem revelado um mundo sem fronteiras. Diversos sites na Internet têm divulgado a história de famílias; do mesmo modo, ilustram famílias que fazem apelo para que os parentes do mundo todo estabeleçam algum tipo de comunicação. Essa tentativa de reconstrução histórica de um passado remoto tem propiciado novas formas de contato, configurando o que poderíamos chamar de parentesco virtual, além de encontros de pessoas oriundas de diferentes países. A proposta da pesquisa é refletir sobre as experiências que vêm acontecendo a partir de meados da década de noventa no estado de Santa Catarina em torno dos encontros de famílias italianas. Os encontros de famílias vêm se constituindo em uma nova modalidade de viagem; essa viagem pode ser no mesmo Estado ou em estados vizinhos, ou ainda para outros países, no caso, especialmente a Itália. Na festa há uma reconfiguração do parentesco tanto no sentido de reforçar os laços já existentes como também na descoberta dos "novos parentes". As diferentes dinâmicas prestam homenagens aos ancestrais que deram origem ao tronco do qual descendem os participantes. A cidade anfitriã se prepara para receber os visitantes. Os encontros acontecem em salões paroquiais, clubes recreativos e contam também com a visitação do túmulo do pioneiro imigrante italiano.

Palavras-Chave: Encontros de famílias. Culto aos ancestrais. Imigração.

Abstract: *Kinship represented in family trees, has revealed to be a borderless world. Several sites in the Internet show the history of families and also families that call for relatives all over the world to establish any kind of communication. This attempt for historical rebuilding of a remote past has promoted new contact forms, leading to what may be called virtual kinship, as well as meetings amongst people living abroad. The aim of this research is to reflect on the experiences that started in the 90's in Santa Catarina State (Brazil) in Italian family meetings. These family meetings represent a new form of trip which may happen in the same state, in neighbor states, or anywhere else abroad. This research focused on an Italian party, where kinship is*

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1990), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998), atualmente é professora titular da Universidade Comunitária Regional de Chapecó. adiles@unochapeco.edu.br

reconfigured in order to reinforce relations and also to discover "new relatives". Through different dynamics homage is paid to ancestors who originated the stump from what the participants come. The host city gets ready for receiving the visitors. Meetings are held at Parish halls, clubs, and include visitation to the Italian immigrant pioneer's grave.

Key-words: *Family meetings. Worship of ancestors. Immigration.*

Introdução

O parentesco traçado, desenhado nas árvores genealógicas tem revelado um mundo sem fronteiras. Diversos *sites* na Internet têm divulgado a história de famílias, do mesmo modo, ilustram famílias que fazem apelo para que os parentes do mundo todo estabeleçam algum tipo de comunicação.

Essa tentativa de reconstrução histórica de um passado remoto tem propiciado novas formas de contato, configurando o que poderíamos chamar de parentesco virtual, além de encontros de pessoas oriundas de diferentes países. A proposta da pesquisa² é refletir sobre as experiências que estão acontecendo a partir de meados da década de noventa no Estado de Santa Catarina, em torno dos encontros de famílias italianas. Os encontros de famílias vêm se constituindo em uma nova modalidade de viagem, essa viagem pode acontecer no mesmo Estado, ou em Estados vizinhos, ou ainda em outros países, no caso a Itália.

Nas últimas décadas os descendentes de italianos no Brasil vêm crescentemente se ocupando e se preocupando em "revitalizar a italianidade", buscar "raízes", procurar estabelecer relações e restabelecer laços com a Itália atual. Esses intercâmbios de ordem econômica e cultural associam-se a maior mobilidade adquirida pela sociedade humana nos últimos tempos, devido ao desenvolvimento dos transportes e da comunicação.

² A pesquisa vem sendo desenvolvida desde o final da década de 90. Foram realizadas entrevistas com organizadores e participantes dos eventos além da observação participante em encontros de família no Oeste de Santa Catarina.

Nos últimos anos foi possível presenciar o surgimento de inúmeras manifestações culturais italianas. Organizadas por descendentes de imigrantes no Sul do país como tentativa, segundo estes, de "*resgatar* suas raízes". Criam-se festas típicas, associações. Dentro deste universo de afirmação da identidade italiana o interesse no reconhecimento da cidadania italiana é expressão mais recorrente.

A grande procura pela cidadania italiana acontece no mesmo período em que a celebração da italianidade deixa os confins do espaço doméstico e passa a ser vivenciada em grande estilo, em comemorações públicas. As associações culturais italianas do Estado, motivadas pelo *resgate* da cultura italiana incentivam práticas culturais italianas. A idéia de um passado ideal é revelada no modo de conduzir as festas típicas. O mito do pioneiro civilizador, desbravador ocupa um lugar de destaque. As festas típicas funcionam como vitrines desta nova italianidade, que vem sendo construída. A restauração da italianidade cumpre o papel de ordenar as práticas sociais. Definir o que pode e o que não pode fazer parte desta nova italianidade. Descobrir e definir os sinais diacríticos: o traje típico, a culinária, a música, a dança etc.

A descoberta da italianidade

No final do século XIX a Itália foi se tornando, para os imigrantes no Brasil, um ponto de referência paradoxal na medida em que era ao mesmo tempo uma abstração já que concluíra recentemente sua unificação. Esta referência serviu como marco para a identidade étnica do grupo.

Internamente, os italianos, identificavam-se em relação à Região de procedência, como vênnetos, trentinos, lombardos, mas externamente, em relação às populações locais qualificavam-se como italianos negligenciando as diferenças internas.

Os valores dos colonos italianos estavam pautados na lógica da prosperidade. Quando eles se referiam aos nativos evidenciavam as diferenças,

que eram avaliadas de forma etnocêntrica. A principal característica que lhes atribuíam era a resignação à pobreza.

O desenvolvimento econômico da região Sul geralmente é associado à imigração européia, isto é evidenciado na declaração de Câmara (1940, p. 31) sobre a colonização em Santa Catarina: "A colonização determinou benefícios acentuados ao Estado. Não somente econômicos, como étnicos e sociais". De acordo com o autor, a economia cresceu à medida que chegaram os colonos europeus, estes para o autor, apresentavam o perfil ideal para a constituição da nação, o único inconveniente dizia respeito à segregação social e a inassimilação destes frente à sociedade brasileira.

Os imigrantes italianos no Brasil foram construindo suas identidades pautadas na tríade: Trabalho, Família e Religião. Essa identidade foi se remodelando, se adaptando a novos contornos de acordo com o contexto vivenciado pelo grupo.

Através de seus descendentes, os imigrantes redefiniram o perfil étnico do país. Ao reforçarem a fronteira interna, reinventam-se como grupo, recriando novos símbolos e introduzindo uma releitura do seu passado através de uma tradução de cada tradição. Sendo pomeranos, vênnetos, trentinos, ungareses, tirolezes, etc, tornaram-se com a unificação dos Estados nacionais europeus italianos, alemães, russos, e também brasileiros - sobrenacionalidades criadas concomitantemente aos processos de fixação no Brasil (LEITE, 1995, p. 1).

Com a Campanha de Nacionalização promovida pelo Estado Novo, os imigrantes italianos perdem o contato com a Itália. Nos anos 1920 e 1930 no Brasil, triunfa o nacionalismo conservador e autoritário, que se nutria de ideologias fascistas, tendo sido a base para a ideologia do Estado Novo. A campanha de nacionalização foi instituída por Getúlio Vargas, após o golpe de 1937.

O programa de ação dessa campanha tinha como premissa erradicar as influências estrangeiras atuantes principalmente nos três estados do Sul, e incutir nas populações de origem européia (especialmente alemães, poloneses e italianos) o sentimento de brasilidade (SEYFERTH, 1981, p.175).

Para Radin (1995) houve uma ruptura no discurso oficial que via nos imigrantes a perspectiva da civilização, estes passaram a ser vistos como uma ameaça ao país. A repressão à italianidade foi intensa. O uso da língua e dos dialetos italianos se restringiu aos ambientes domésticos.

De acordo com Seyferth (1990), a campanha de nacionalização, de certo modo, eliminou os canais formais de atualização da etnicidade, ao proibir o ensino da língua estrangeira, publicação de jornais, revistas etc. Portanto, as identidades étnicas da maioria dos grupos descendentes de imigrantes têm como base, atualmente, critérios que foram elaborados no passado.

A partir do centenário da imigração o elo rompido com a Itália começa a ser reatado. A abertura política no Brasil tem propiciado esse reatamento, associado à intensificação das relações globais que passam a ocorrer com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes.

Tá no sangue...

O *jus sanguinis* também chamado “direito de sangue”, que muitas nações modernas adotaram para determinar a nacionalidade de seus cidadãos, está pautado na descendência. O antigo direito romano usava esse critério para diferenciar cidadãos romanos do Império dos habitantes do mesmo.

O direito de sangue quando associado à idéia de homogeneidade étnica da nação dá margens a muitas interpretações. Em todos os eventos em que a italianidade é celebrada, o discurso envolvendo a expressão “sangue italiano” é muito veiculado, pressupondo a idéia de que na Itália haja certa homogeneidade, o sangue é usado como sinônimo de nacionalidade.

A lei italiana sobre o *jus sanguinis* - basta ter sangue italiano para ser italiano - data de 1912. A esse respeito o Cônsul-Geral de São Paulo, Sr. Antônio Di Stefano³, alega que quem tem “sangue” italiano não é descendente

³ Entrevista concedida à revista *Gazzettino Brasile* (Julho/agosto de 1991, p. 7).

- é italiano. Para este, descendente seria aquele que tem antepassados italianos, mas segundo as leis não têm direito à cidadania.

Neste sentido a regularização da dupla cidadania significa também a legalização da ascendência do sangue. A comprovação legal desta italianidade.

De acordo com Comas (1970, p. 22-23):

[...] o "mito do sangue" como um critério decisivo para avaliar o valor de um cruzamento existe até nossos dias e os homens ainda falam de "sangue" como um veículo de transmissão dos caracteres hereditários [...] "sangue" é também usado como sinônimo de nacionalidade: "sangue" germânico, "sangue" espanhol, "sangue" judeu.

Para Comas (1970) isto acontece devido ao fato das pessoas desconhecerem que o sangue não tem nada a ver com o processo genético.

Na maioria dos eventos, o sangue é representado como sendo o transmissor da herança genética e moral dos ancestrais. Trabalho aqui com as definições nativas de consangüinidade.

Acredito no sangue italiano, é toda uma carga genética, toda uma bagagem genética que a pessoa traz que a distingue como italiana, desde de o modo de falar, da constituição física, das preferências, das identidades, do gosto pela polenta, do aspecto físico, as pessoas são mais fortes normalmente, têm uma constituição - mais a região Vêneto, eu estou falando - Os valores, o amor à vizinhança, o amor à propriedade, à religião, à educação ⁴(50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis).

De acordo com esta representação, o "sangue italiano" comporta toda uma carga de valores, valores estes que evidenciam características positivas, auto-atribuídas, e que se constituem nos pilares que sustentam a identidade italiana.

O contato com os parentes distantes e a identidade construída nesta relação evoca uma ligação de sangue.

Fomos para a Itália, eu meu tio e minha tia, marcamos com uma parenta em um hotel em Veneza. Essa parenta que se correspondia com o meu nono (estava bem velhinha), foi até lá, a 140 quilômetros da sua cidade. Ela chegou de noite. Sabe, a

⁴ Os depoimentos encontram-se grafados em itálico de forma diferenciá-los das citações bibliográficas.

gente colocou para ela assim: "sabe quando tu vê, são pessoas estranhas que tu nunca viu na tua vida, de repente tu vai dizer são parentes. Eu falei para ela que a gente tinha muita dúvida pra saber como ia ser aquele encontro. Se realmente significava alguma coisa, se tinha importância, e olha o que ela me respondeu: "Guardi che c'è sangue qui, no acqua" (Olha, o que tem aqui é sangue, e não água) a minha tia debulhou em choro, foi uma cena muito emocionante (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis).

Neste sentido o sangue representa uma continuidade, ao passo que a água representaria a indiferença, a não ligação, o desconhecido, "o outro".

Para Woortmann (1977, p. 181-182) em nossa própria sociedade, o parentesco é concebido como se fosse geneticamente determinado.

Como se diz, seria algo dado pelo sangue. Mas sangue é um símbolo [...] No Brasil, os operadores simbólicos 'sangue' e 'água', fazem a passagem de 'parente' a 'estranho', e são, evidentemente, produtos ideológicos. A genealogia biológica é um dado concreto ao qual é atribuído um conteúdo ideológico, tão arbitrário como outro construto cultural.

Abreu Filho (1982, p. 98), em sua pesquisa "Raça, sangue e luta: identidade e parentesco em uma cidade do interior", demonstra também que:

[...] o sangue é pensado como uma substância transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter. Assim, se através do sangue qualidades morais são transmitidas e perpetuadas e se ele dá conta da construção do corpo e seus instintos, o indivíduo agente empírico - é representado, não como individualmente indivisível, mas como parte de uma totalidade que o transcende e o constrói.

Abreu Filho (1982, p. 98-99) destaca ainda que o sangue é concebido como uma categoria que articula natureza e cultura. O sangue não transmite apenas genes: "a pessoa não nasce apenas natureza, apenas corpo. A pessoa já nasce, de certo modo, moralmente constituída, representante de uma família, de uma tradição."

A identidade italiana está pautada na tríade "trabalho, família e religião", esses elementos estão presentes na representação do sangue.

É claro que acredito no sangue italiano, é que vem vindo né, veio de lá. A região Vêneto é a melhor Região lá da Itália, são

agricultores, gente trabalhadeira, e no Brasil eles vieram aqui pro Sul. Não dizem que o Sul é RS, SC, PR, são os maiores produtores, são gente trabalhadeira, isso aí vem de sangue mesmo, é sangue italiano...eu sou 100% italiana o sangue não teve nenhuma mistura, a família de meu marido é de italianos, tanto o lado materno quanto o lado paterno, e o mesmo acontece com a minha família (40 anos, 2ª geração, moradora de Urussanga).

O sangue é concebido como o veículo de transmissão das características do herói civilizador personificado na figura do ancestral. A herança sangüínea é vista como fundamental, determinando a constituição física e moral do indivíduo.

Esta idéia da preservação da origem⁵, a endogamia como critério adotado para perpetuar os valores morais e físicos, também é encontrada em Woortmann (1994, p. 127) que destaca a expressão *Keim*, categoria adotada pelos colonos teuto-brasileiros,

a palavra *Keim* é definida como significando 'princípio germinativo', origem. Ele é transmitido hereditariamente; diz-se que está oculto no sangue: *Er steckt im Blut*, podendo implicar tanto em características físicas como morais. Equivale a uma espécie de carga genética que opera na constituição de relações sociais, inclusive como critério norteador de escolhas matrimoniais.

Nem todas as pessoas entrevistadas partilham da mesma representação sobre o sangue italiano, ou origem italiana, não sendo possível fazer generalizações a esse respeito. Acompanhei alguns discursos que aconteceram em aberturas de eventos. Nestes, a expressão sangue italiano aparecia com muita freqüência. Quando entrevistei uma das pessoas que discursava, e pedi para que definisse o que entendia por sangue italiano, esta falou-me que usava a metáfora "sangue italiano" para representar a cultura italiana, os valores.

Outros alegavam que essa história de sangue italiano é uma coisa das pessoas antigas, que não estudaram por isso ainda usam a expressão, e do

⁵ A expressão "de origem" é uma categoria nativa que define os descendentes de imigrantes europeus como "os de origem".

mesmo modo que a intenção do casamento endogâmico era uma coisa do passado. Mas, no entanto, a idéia de que o sangue conserva valores morais, foi encontrada também em jovens com diferentes níveis de escolaridade, e não apenas em pessoas com mais idade.

Com o movimento pelo *resgate* da cultura italiana, a Região Sul do Estado investe na imigração italiana como *marketing* turístico. Autoridades locais e associações italianas têm incentivado a cultura italiana. A busca pela dupla cidadania reflete a legalização desta italianidade. É comum encontrar a expressão sou "100% italiano" ou, se um dos membros casa com alguém de outra etnia, a alegação de que os filhos são 50% italianos. Neste sentido, a italianidade é medida através de gradações estatísticas. Demonstrando que embora a legislação faça algumas restrições ao reconhecimento da cidadania italiana pela via materna, a consangüinidade é bilateralmente reconhecida.

Um dos participantes do projeto de preservação histórica do legado da imigração italiana no Sul do Estado de Santa Catarina adverte que em Urussanga:

Todo mundo se aceita brasileiro como brasileiro nato, mas não brasileiro como brasileiro de sangue. Eu sou italiano de sangue, eu tenho sangue italiano, então tinha esse contraste. Se tu fores pesquisar tu vais encontrar que a maioria das pessoas têm orgulho de ter sangue italiano "Sou brasileiro, adoro o Brasil, gosto do carnaval, gosto do samba, gosto do feijão, feijoada", mas sou de sangue e nacionalidade italiana.

A esse respeito, Renan (apud HALL, 1995, p. 50) defende que as nações da Europa são nações de sangue essencialmente misturado. Lembrava que na Itália gauleses, etruscos, pelágicos e gregos, para não mencionar outros elementos, entrecruzaram-se em uma mistura indecifrável.

Culto aos ancestrais - Encontros de famílias

As árvores genealógicas vêm se constituindo em uma nova forma de se contar a história da imigração. O primeiro imigrante representa o Ego, através

deste realiza-se um rastreamento da linhagem no país de origem, no caso a Itália, e também é realizada a catalogação e organização da linhagem que se desenvolveu no Brasil Augé (1975) distingue linhagem e clã, atribuindo ao primeiro a possibilidade de comprovação e ao segundo, que pode apresentar origens míticas não comprováveis.

De acordo com Akoun (1983) na linhagem, são excluídos em cada geração, ora os descendentes por via masculina, ora os descendentes por via feminina. A descendência, ao invés, compreende todos os descendentes pelos homens ou pelas mulheres. Em nossa sociedade domina a relação por descendência. "Todavia, podemos notar que o parentesco linhagista se mantém no domínio do nome. Em realidade é o nome do pai que é o nome da família, quer dizer, um nome de linhagem paterna (AKOUN, 1983, p. 143)."

Neste caso cabe salientar que o critério norteador que concede o acesso ao reconhecimento da cidadania italiana, "*Jus Sanguinis*", segue um viés patrilateral, que só é alterado a partir de 1948, quando a mãe com cidadania italiana, pode transmitir a cidadania aos filhos nascidos depois desta data. Abrindo um precedente para o caráter cognático da descendência.

De acordo com Mioranza (1997) no período de fixação dos sobrenomes italianos, no final da Idade Média, observou-se que a quase totalidade dos sobrenomes⁶ surgiu no singular. No mencionado período medieval, passou-se usar o termo *casata* ou *casato* como designativo de clã, do grupo familiar, da grande família que gravitava em torno de um patriarca.

O ancestral que imigrou para o Brasil tornou-se o eixo central da árvore genealógica. Ele passou a ser cultuado pelos descendentes, ao fazer um paralelo com o clã, poder-se-ia dizer, que representa o totem deste clã, no que tange a veneração deste ancestral.

⁶ Segundo Moranza (1997), os sobrenomes italianos podem ser classificados em quatro grupos de acordo com sua origem: patronímicos ou matronímicos que refletem noções de filiação. Os toponímicos que conduzem a um referencial de espaço físico ou geográfico. Os sobrenomes relacionados a atividade exercida, profissão. E por último, estariam os sobrenomes representados por apelidos que surgem inspirados em características físicas, intelectuais, morais, e atitudes comportamentais.

Nós estamos trabalhando a nossa identidade, a Itália de hoje quase não nos pertence, mas é a nossa identidade, o sofrimento dos nossos antepassados. Nós adoramos os Santos, mas nós temos que adorar os nossos antepassados, eles tiveram um sofrimento, eles vieram em busca de uma vida melhor, de uma qualidade de vida, e a cocanha que eles estavam a procura está aqui nas nossas mãos, e se nós não soubermos conduzir essa cocanha, vai levar as drogas, a uma infinidade de coisas (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza).

Surgimos de dois troncos que se transformaram em galhos, folhas, flores e frutos. Os nossos ancestrais nos legaram ideais de fé, retidão, amizade, firmeza, hombridade, justiça e luta (<http://terra.planetarium.com.br/~ffd/arvore>).

Le buone radici danno sempre buoni frutti. Coltiva le tue radici. [As boas raízes (árvores) sempre dão bons frutos. Cultive as tuas raízes].⁷

Embora as árvores genealógicas sejam comprováveis através de documentação, foi muito comum encontrar a terminologia clã durante as entrevistas.

Quando o marido morre a mulher não assina mais o sobrenome do marido ela coloca da seguinte maneira: senhora fulana de tal viúva de fulano. Eu estou in naquela família eu não sou daquela família, eu não pertenço ao clã daquela família, eu estou agregada a este clã. Aqui no Brasil a gente absorve tudo, e quando tem filhos só coloca o sobrenome do marido (60 anos, 2ª geração, moradora de Criciúma).

A mulher casada, que adquire a dupla cidadania ao receber o documento italiano constata que o sobrenome do marido segue após um *in*⁸. No caso da morte do marido a mulher não usa mais o sobrenome do marido, mas sinaliza que é viúva do mesmo.

O parentesco traçado, desenhado nas árvores genealógicas tem revelado um mundo sem fronteiras. Diversos *sites* na Internet têm divulgado a história de famílias, do mesmo modo, ilustram famílias que fazem apelo para que os

⁷ Expressão usada para propagar as eleições dos Comitês. Usa-se a família como alvo da propaganda.

⁸ Em, dentro de.

parentes do mundo todo se comuniquem com elas. Inúmeros são os anúncios em busca de informações sobre os ancestrais.

Fox (1986, p. 13-14), em seus estudos sobre parentesco revela que essa tomada de conhecimento sobre a suposta origem:

Salvaguada-nos do anonimato: não fomos lançados neste mundo sem uma história. Para usar a metáfora mais frequentemente associada à procura dos antepassados, possuímos raízes. [...] Quantos de entre nós não serão capazes de resistir ao poder de sedução exercido por antepassados famosos ou ilustres?

Essa tentativa de reconstrução histórica de um passado remoto tem propiciado um emergente e bem-sucedido comércio, pois são inúmeras as empresas que vêm adquirindo bons lucros com a compilação de genealogias, brasões de família e históricos de família.

No desenvolver da pesquisa podemos encontrar como antepassados, pessoas ilustres de linhagem nobre, brasonados, assim como índios, escravos, padres, lavradores ricos e pobres. Temos sempre uma grande surpresa a cada ancestral que descobrimos
(<http://www.homeshopping.com.br/~amatomar/genealo.htm>).

Essas pesquisas são realizadas em cartórios de registros civis, igrejas católicas ou em cúrias, onde se encontram as certidões de nascimentos, casamentos e óbitos. *"Podemos demorar uma vida toda para se montar uma genealogia completa com os parentes colaterais, primos em vários graus e em diversos lugares do mundo"*
(<http://www.homeshopping.com.br/~amatomar/genealo.htm>).

Esse parentesco virtual vem tomando corpo. Inicia-se com contatos prévios até se concretizar em encontros. Esses encontros acontecem com as excursões que são realizadas para a Itália, ou em Festas de família.

Aqui na Região já teve mais de vinte encontros de família, onde as pessoas escrevem livros sobre a família. Fazem árvores genealógicas em que a origem transcende a Itália, descobrindo as vezes que se tratava de alguma família que havia imigrado da Palestina, França para Itália e posteriormente para a América do Sul. Também teve os que descobriram que são descendentes de famílias judias (35 anos, 3ª geração, morador de Nova Veneza).

A partir da pesquisa para realizar a árvore genealógica as famílias constroem a história com documentos que legitimam sua saga. A descoberta da cidade natal do antepassado é um passo importante para traçar o itinerário do ancestral. Neste sentido Zanini (2004, p. 59) observa:

Com as informações adquiridas, tais indivíduos agregam à construção das memórias do italiano genérico local leituras e estudos que fazem sobre as regiões específicas de onde partiram seus antepassados particularmente. Acompanhei casos de famílias que, após descobrirem de quais regiões italianas eram oriundos seus antepassados, começaram a estudar e adotar hábitos culinários, gostos e expectativas de comportamento que seriam considerados típicos dos habitantes daquelas regiões. Era, a partir desse momento, construída uma italianidade regionalizada e particularizada para aquela família especificamente.

Essas informações são adaptadas, atualizadas pelos descendentes que incorporam e modificam seu cotidiano. Os encontros de família são espaços para atualização das informações relativas à família. Os Encontros de Família são organizados em torno de um sobrenome, geralmente o patriarca da família.

Nos reunimos entre os parentes para organizar a festa, mas na época, pensávamos numa coisa pequena, apenas as nossas famílias aqui, isso foi em 91.

Organizamos uma comissão. Fiquei como presidente da comissão. Organizamos um almoço com umas 50, 60 pessoas, para pensar na festa. No 1º encontro reunimos umas 700 pessoas só de descendentes. Era vendido um convite, o almoço era churrasco, não foi um almoço típico italiano. Até a repórter depois falou: "engraçado uma festa de italianos com churrasco." Eu guardei isso né. Era mais fácil o churrasco, nós não tínhamos uma cozinha pronta. Quando foi em agosto, dia 4 agosto, teve outra em Meleiro, com 800 pessoas. Depois teve no Caravaggio, 1 de maio, teve de novo aqui uma festa que durou 3 dias, aí sim, com comida típica italiana. Vieram em torno de 2000 pessoas. Veio gente do Mato Grosso, RS, RJ, Alagoas, tudo gente que saiu daqui.

A partir daí surgiu a idéia de se fazer um museu da família Macarini, a associação da família, foi uma coisa a posteriori. Uma prima cedeu um hectare de terra para construir a sede da

associação. Ainda não construímos a sede, as reuniões acontecem sempre na casa de um, de outro. Nós ainda não descobrimos o brasão, minha irmã teve na Itália, teve em contato com os parentes e não encontrou (48, 2ª geração, morador de Criciúma).

Na festa não estavam presentes os parentes da Itália, mas se faziam presentes autoridades italianas e brasileiras, como prefeitos e representante do governador.

As festas acontecem em espaços como salões paroquiais, parques que abrigam as festas dos municípios, pois recebem em torno de mil pessoas, esse número pode dobrar. As autoridades locais se fazem presente e entendem esse evento como uma forma de divulgar o município. A cidade se prepara para recepcionar os visitantes decorando as principais vias de acesso ao evento com bandeiras do Brasil e Itália.

A abertura da festa acontece com o hasteamento das bandeiras do Brasil, Itália e das cidades próximas, na qual mora a parentela. Posteriormente as autoridades locais discursam.

O culto aos ancestrais que imigraram é ritualizado em todos os eventos, prestam-se homenagens, é narrada a história destes ancestrais para todos os participantes. Destacado o apreço destes ao trabalho, família e religião. A italianidade merece destaque especial nestes eventos, o culto aos ancestrais está associado ao culto à italianidade. As associações italianas participam efetivamente tanto dos encontros de família, como da organização das mesmas.

Outro aspecto importante é a religiosidade, em todas as festas a missa é celebrada, constituindo-se como uma referência da fé deste grupo. A culinária é outro traço distintivo, que após as avaliações constatou-se que a comida típica é mais convincente que o Churrasco. Durante a festa também são feitas apresentações públicas dos membros da "família" que se destacaram socialmente, os que ocupam as profissões consideradas mais nobres. Estes expoentes são chamados ao palco onde o apresentador descreve os méritos de

cada integrante, do grupo seleta, que só deixa o palco depois dos aplausos calorosos.

No Oeste do Estado, pelo fato dos descendentes de imigrantes italianos serem provenientes do Rio Grande do Sul, os primeiros encontros de família acontecem no RS, na “Colônia-Mãe” com o objetivo de realizar uma visita ao cemitério para ver o túmulo do “imigrante pioneiro” e prestar homenagens para este ancestral que é convertido no herói pioneiro desbravador. O próximo passo é a visita à propriedade, ou o local das antigas instalações, onde morou o patriarca. Neste sentido Siviero (2004, p.93) observa que nesta visita “há um momento que qualificam como especial e emocionante, quando os parentes que residem ainda no local mostram orgulhosamente aos visitantes o primeiro ‘pé de parreira’ plantado pelo ancestral imigrado da Itália.” Dependendo do período da realização da festa acontece a produção artesanal do vinho e de pratos típicos (polenta, macarronada). Nós próximos encontros as festividades se estendem às “Colônias-Filhas”, cidades e estados, onde os descendentes deste pioneiro se estabeleceram.

Quando se trata de um encontro internacional a recepção aos visitantes acontece no Aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre. A comissão de recepção organiza atividades para homenagear os visitantes. O coral se apresenta com roupas típicas, as bandeiras da Itália e Brasil dão o tom do ambiente. Abraços calorosos são acompanhados de expressões de reconhecimento de possíveis semelhanças físicas entre os “antigos” ou “novos” parentes. Depois os visitantes são convidados a conhecer a “Colônia-Mãe”. Os encontros internacionais intercalam os países, um ano acontece no Brasil e outro na Itália. A Argentina vem sendo integrada nesse rol dos encontros de família, portanto para alguns sobrenomes os encontros internacionais contam com o revezamento de três países. A organização do evento é responsável pela

hospedagem dos visitantes e do mesmo modo agendar um roteiro de visitas para os pontos que são considerados relevantes no itinerário dos pioneiros.⁹

Zanini (2004, p.57) em sua pesquisa “a família como patrimônio” revela que a família se torna patrimônio simbólico que agrega valor a seus membros. Fazer parte de uma família, “ter origem italiana e compartilhar de um itinerário de sucesso valoriza positivamente a identidade do descendente”. A autora observa ainda que para muitos descendentes a expressão da italianidade se traduz como uma forma de “relação com o sagrado, em que os elementos referentes às coisas dos antepassados se revestem de *mana* (ZANINI, 2004, p.60)” fazendo referência a Mauss.

Woortmann (1994) realiza uma analogia entre a organização deste tipo de festa de família e uma peça de ópera, em que o libreto possui como tema central o mito do herói civilizador do passado. A música serve para enaltecer os personagens centrais do presente, portadores das qualidades dos heróis do passado. Destaca também os coadjuvantes, gerações intermediárias, que aumentam os números de participantes. Fala da produção e elaboração da peça, dos iluminadores que dirigem seus refletores para o passado, “produzindo efeitos especiais sobre efeitos tornados especiais” (WOORTMANN, 1994, p. 119).

Durante a festa acontecem os lançamentos de livros da família, histórico do sobrenome, a exposição da árvore genealógica, e a distribuição de xerox do brasão da família. As festas de famílias não têm fins lucrativos, são organizadas comissões com o intuito de angariar fundos para a viabilização da mesma, sem implicar custos elevados para os participantes. Na organização da festa são criadas camisetas, chaveiros, adesivos, bonés e demais objetos com o logotipo da família, quando a família tem brasão é a forma deste que é estampada nos objetos.

⁹ Para maiores informações sobre a experiência de descendentes de italianos em encontros de família na Itália ver livro de Sivieiro (2004).

A construção de árvores genealógicas tornou-se uma prática comum nos últimos anos, nem todas as famílias recorrem a especialistas para confeccioná-las. Boa parte do grupo entrevistado mostrou-me esboços, listas intermináveis de nomes e datas que posteriormente são organizados da forma mais prática e criativa possível. Tem o modelo *pizza* que inicia com o imigrante italiano ao centro e segue com seus filhos netos, bisnetos etc. Segue a linhagem patrilinear. Também foi encontrado o modelo em forma de árvore, esta árvore contempla 200 anos da família que inicia na Itália em 1700 na base do tronco, com suas ramificações abordando parentes diretos e colaterais, até atingir o imigrante italiano no Brasil e seus filhos e netos que permanecem no tronco (no tronco permanece o filho primogênito, os outros filhos são distribuídos em ramos) e distribuem suas respectivas famílias em ramos.

A preocupação em registrar a história da família contempla interesses dos mais variados.

É tão bonito uma pessoa que tem história registrada. Por que só a dinastia, os imperadores e reis podem ter o seu arquivo de memória? Guarda a tua história! (50 anos, 3ª geração, moradora de Florianópolis)

Na minha família eu descobri uma ancestralidade indígena, que pena que não tenha nada registrado a respeito. Tudo começou quando eu comecei a organizar os documentos para fazer a cidadania. Eu acho que a cidadania italiana é que despertou para isso (65 anos, 2ª geração, morador de Cocal do Sul).

O termo "família tradicional" é muito usado para representar famílias ilustres, bem sucedidas financeiramente. Um dos informantes alegou que uma "família tradicional" não apresenta problemas em conseguir os documentos. Os "novos ricos" também podem atingir o *status* de "família tradicional" ao exibir seu brasão e árvore genealógica comprovando sua origem.

Um ponto que tem gerado polêmica é a autenticidade dos brasões. Muitas pessoas revelam duvidar da autenticidade destes documentos, já outros ostentam o brasão como um verdadeiro título de nobreza.

Woortmann (1994) ao analisar categorias simbólicas através das quais os colonos teuto-brasileiros das colônias antigas do Rio Grande do Sul pensam o parentesco e constroem sua memória, enfatiza que o modelo de “árvore-tronco” dos colonos não corresponde ao mesmo significado de “árvore genealógica”, construídas por profissionais especializados para descendentes de colonos urbanizados e sobretudo enriquecidos. Neste sentido a árvore construída pela memória dos colonos nunca é desenhada. Ao passo que a dos “novos ricos” constitui um emblema de prestígio. A árvore dos colonos é uma categoria de discurso e um princípio organizatório. “A memória faz a descendência, e a descendência faz a memória” (WOORTMANN, 1994, p. 117), de modo que os descendentes urbanos sempre que possível exibem brasões, ou alguma peça simbolicamente importante para a família, desde que não relacionada aos universos camponeses europeu brasileiro, valorizam seus ascendentes alemães e omitem a descendência camponesa brasileira. Apresentando uma memória seletiva neste caso, na elaboração da árvore genealógica, esta seletividade também entra em cena. Aqui se procura privilegiar os parentes mais influentes e importantes, diante desta probabilidade de escolha o parentesco apresenta um caráter cognático, e não patrilinear como é o caso dos colonos.

Na maioria dos casos abordados, especialmente o das famílias que já realizaram encontros e editaram livros, pode-se constatar que a origem camponesa é destacada, especialmente para retratar como os ancestrais que aqui chegaram encontraram uma natureza a ser domesticada, transformada, e que foi graças a muito trabalho e sofrimento dos ancestrais que hoje se pode desfrutar de uma vida melhor. E foram raros os casos, como este ilustrado anteriormente, no qual se relata que a família já era nobre, família de proprietários.

A pesquisa dos documentos para o reconhecimento da cidadania italiana foi apresentada como inspiração para a construção da árvore genealógica, instigando um maior interesse pelos parentes de “longe e de perto”.

A descoberta de novos parentes não aconteceu só com pessoas distantes e desconhecidas, os ilustres parentes do além-mar. A maior surpresa é a descoberta de parentes em pessoas que já se conhecia, que viviam no mesmo bairro, cidade, que estudavam no mesmo colégio.

Na maioria das festas a presença dos parentes italianos é muito comum, geralmente é relatado como motivo de orgulho. Teve uma destas festas em que se encontrava em Florianópolis uma excursão de italianos, embora não fossem parentes estes foram convidados a prestigiar a festa, e foram tratados como autoridades ilustres. A reciprocidade quanto ao tratamento e acolhimento não é semelhante aos descendentes que visitam a Itália, são muitas as narrativas da frustração do primeiro encontro.

Através da lista telefônica eu consegui endereço de pessoas com mesmo sobrenome que o meu, não que os considerasse parentes, mas resolvi visitá-los, pois quando eles vêm para o Brasil são muito bem recebidos, mesmo que não tenham o mesmo sobrenome, as pessoas aqui têm orgulho em hospedar os italianos. Fui até à casa de algumas pessoas, e não tive a mesma recepção que os italianos têm aqui no Brasil. As pessoas me recebiam no portão de casa, com poucas palavras, de forma bem objetiva, fria (32 anos, 3ª geração, morador de Criciúma).

Teve outro caso em que a recepção foi mais drástica. O visitante brasileiro foi recebido com cães de guarda e convidado a se retirar pelo proprietário da residência. Existem muitos comentários envolvendo o medo que os italianos têm de que surjam descendentes de imigrantes em busca de herança.

Para as pessoas envolvidas com associações italianas, existe um meio certo de abordar esses possíveis "novos" parentes.

Nós temos aqui quase que diariamente visitas de italianos, agora está havendo uma descoberta dos seus parentes, lá a maioria, principalmente os vênetsos têm interesse em descobrir os parentes.

Tem que saber chegar nos parentes, se você chega sem um contato prévio, causa esses mal entendidos que a gente vê por aí. Alguém despreparado vai lá e traz esta imagem pra cá (35 anos, 3ª geração, Nova Veneza).

Segundo Zanini (2004 p. 62) as “relações de parentesco esfriadas pelo tempo e pela ramificação familiar são reaquecidas” e reelaboradas a partir da suposição de uma herança consangüínea e consolidadas pelo sobrenome comum.

É a partir de um sobrenome comum que os descendentes podem reivindicar o pertencimento à linhagem dos que hoje são ilustrados como modelo de conduta e habitam o panteão de heróis.

Encontros e desencontros

As histórias de família se caracterizam por encontros e desencontros. Os encontros do presente celebram os laços familiares que estão sendo reatados, ou melhor, recriados, inventados mesmo que as narrativas de “outros tempos” construam uma história linear e sem rupturas. Os encontros de família propiciam reflexões semelhantes ao que Mead e Benedict constataram na vigem de ida ao “outro” e volta ao “eu”. A singularidade do outro é entendida como uma continuidade, ou uma extensão da história do eu. Esse “parentesco imaginado”, estabelecendo uma analogia às “comunidades imaginadas” na perspectiva de Anderson (1989), se transforma em referência para o grupo que vem se constituindo no presente. Mauss (1969, p. 593-4), no início do século passado, identificava uma estreita relação entre a nação e o clã, evidenciava que a nação “tem a bandeira como símbolo, como o clã tem seu tótem; ela tem seu culto, a Pátria, como o clã tinha o de seus ancestrais animais-deuses.”. Os encontros de família cultuam seu clã prestando homenagens aos heróis pioneiros.

O “parentesco imaginado” é a inspiração para as viagens, seja efetivamente para participar dos encontros, seja para conhecer o país dos ancestrais, enfim esse parentesco tem traçado novos itinerários de viagem, além de inspirar novas edificações para abrigar os eventos que estão se consolidando.

Como podemos classificar essas viagens, esses encontros?

Como turismo histórico, étnico, cultural? Creio que esses eventos apresentam aspectos relevantes às três possibilidades, no entanto, apresentam singularidades que as transcendem.

As histórias de famílias estão sendo escritas a partir das teias de sentidos elaboradas e solidificadas a cada encontro. Esses encontros não apresentam um único lugar onde a relação hospedeiros e hóspedes possam caracterizar o turismo convencional.

Anfitriões e hóspedes participam do espetáculo como atores principais ou como coadjuvantes e do mesmo modo tem o seu momento de espectadores. Os rituais de culto aos ancestrais são manifestações culturais que podem encenar um passado glorioso remetendo à idéia de Dean MacCannel (1999) no que diz respeito à autenticidade encenada.

Chambers (2000) considera que o turismo cria espaços para a diferença, ele necessita da diferença e da constante renovação. Adverte ainda a importância de estudar as particularidades do turismo em cada contexto, e que o mesmo não deve ser percebido unicamente como uma questão econômica.

O turismo tem se revelado um tema complexo e, portanto propicia a reflexão sobre a história, símbolos e significados que são construídos e reconstruídos a partir das relações sociais. Segundo Chambers (2000) devemos estar atentos aos possíveis "encontros" que o turismo propicia.

Referências bibliográficas

ABREU FILHO, Ovídio. Parentesco e identidade social. *Anuário Antropológico 80*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 95-118, 1982

AKOUN, André. *Dicionário de Antropologia*. Editorial Verbo. 1983.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

AUGÉ, Marc. *Os Domínios do Parentesco*. Lisboa: Edições 70.

CÂMARA, Lourival. *Estrangeiros em Santa Catarina*. Florianópolis: Departamento de Estatística do Estado, 1940.

CHAMBERS, Erve (Ed.). *Native tours*. The anthropology of travel and tourism. Illinois: Waveland, 2000.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. *Raça e Ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FOX, Robim. *Parentesco e casamento*. Uma perspectiva antropológica. Lisboa: Vega Universidade, 1986, p. 13-27.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. IFCH/UNICAMP, Campinas, n.º 18, dez. 1995.

LEITE, Ilka Boaventura. Classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil. In: O'DWYER, Eliane Cantarino. *Terra de quilombos*. Rio de Janeiro: Decania CFCH/UFRJ, 1995, p. 111-120.

MACCANNEL, Dean. *The tourist: a new theory of the leisure class*. Berkeley: University of Califórnia Press, 1999.

MAUSS, Marcel. La Nation. In: _____. *Oeuvres*. Paris: Minuit, 1969.

MIORANZA, Ciro. *Dicionário dos sobrenomes italianos*. São Paulo: Escala, v. I, 1997.

RADIN, José Carlos. *Ítalo-brasileiros em Joaçaba*, 1995. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

SIVIERO, Ivone Bigolin. *Reatando o elo com a Itália*. Chapecó: Argos, 2004.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. A ideologia germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. A Árvore da Memória. *Anuário Antropológico* 92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.113-131, 1994.

WOORTMANN, Klaas. Reconsiderando o parentesco. *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 149-185, 1977.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos - Revista de Antropologia Social*. v. 5, n. 1, 2004. Disponível em <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/1635>>

BIBLIOGRAFIA

BARINDELLI, Luigi. *Um caminho comum de dois irmãos: a Itália e o Brasil. Rumo ao terceiro milênio*. Publicação independente, 1997.

BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local*. Uma visão antropológica. Campinas SP: Papyrus, 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 186-227.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989, p. 107-132.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HOBSBAWM, Eric. J. ; RAGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

MIORANZA, Ciro. *Filius Quondam. A origem e o significado dos sobrenomes italianos*. São Paulo: São João Editora, 1996.

MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as origens: um estudo sobre a memória mítica ente os descendentes de imigrantes da região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993.

SAVOLDI, Adiles. O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. *Textos e Debates*. NUER/UFSC, ano 2, n.º 3, Florianópolis, p. 62-75, 1996.

Artigo recebido em janeiro de 2008.

Aprovado para publicação em janeiro de 2008.